
Interesse Público e do Público: Por Que a Aliança entre Príncipe Harry e Meghan Markle Recebeu Cobertura Jornalística Intensiva no Brasil?¹

Juliana Freire Bezerra²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC

Resumo:

Este artigo teve como objetivo compreender as razões que justificariam a cobertura intensiva do jornalismo brasileiro acerca do casamento entre o príncipe Harry e atriz Meghan Markle. Para tanto, sob a lupa teórica interacional entre jornalismo e sociedade, realizamos uma análise de enquadramento das duas notícias mais comentadas produzidas pelo portal G1, bem como dos dez últimos comentários de leitores publicados em cada uma. Também encontramos no conceito de acontecimento midiático reflexões importantes para a análise. Para além de questões relacionadas ao interesse *do* público, verificamos que as discussões feminista e racial, personificadas em Meghan, configurou-se como fator significativo na explicação da relevância atribuída ao acontecimento pela prática jornalística e pela sociedade locais na internet.

Palavras-chave: Jornalismo; cultura digital; socialização online; acontecimento midiático; enquadramento.

1 Introdução:

No dia 19 de maio deste ano, ele foi acompanhado em tempo real por multidões em todo o mundo. Causou muita agitação não só durante a sua realização, mas também antes e depois de se concretizar. Repercutiu por dias e foi “enquadrado” pela mídia internacional, bem como brasileira, por romper tradições e se aproximar dos valores modernos. É sobre o casamento real britânico entre o príncipe Harry ³ e a atriz norte-americana Meghan Markle que trataremos neste artigo⁴. É nosso objetivo compreender por que este acontecimento foi considerado tão relevante pelo jornalismo, especificamente o brasileiro, a ponto de ser transmitido ao vivo e receber cobertura intensiva em sistemas de radiodifusão abertos e privados, bem como na internet.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e doutoranda do programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, Brasil. E-mail: juliana_freire6@hotmail.com.

³ O príncipe Harry chama-se Henry Charles Albert David. Ele é filho mais novo de príncipe Charles e da duquesa Diana e o sexto na linha de sucessão ao trono britânico.

⁴ Este artigo foi elaborado como trabalho final da disciplina Jornalismo, Acontecimento e Questões Públicas, ministrada pela Prof.^a Dra. Maria Terezinha da Silva no PPGJOR/UFSC, no semestre 2018-1.

Ancorados então numa perspectiva interacional do jornalismo com a sociedade (SILVA e FRANÇA, 2017), bem como no conceito de acontecimento midiático, buscaremos visualizar quais valores sociais e disputas de sentido podem justificar as práticas jornalística de enquadramentos e veiculação intensiva, neste caso. Para tanto, analisamos as duas notícias mais comentadas que foram produzidas e veiculadas pelo maior portal de notícias brasileiro, o G1, no dia em que acontecimento ocorreu. Também selecionamos os dez últimos comentários de cada notícia analisada, para verificar quais discussões os cidadãos brasileiros realizaram no espaço de interação do portal.

2 Um dia de festa em que todos são convidados a assistir

Nos estudos sobre cobertura jornalística, existem acontecimentos noticiados e acontecimentos midiáticos. Estes últimos, além de tornarem-se notícias, se configuram como aqueles acontecimentos memoráveis que causam comoção internacional, ao serem transmitidos em tempo real, tal como verificado na abertura da Copa do Mundo ou na celebração de posse de um novo Papa. Para analisar estes acontecimentos espetacularizados, encenados, programados, ainda que não falsos, pois existem concretamente e existiriam mesmo que não fossem midiaticizados, há dois caminhos de pesquisa principais (FRANÇA e LOPES, 2017).

Um se ancora no conceito de sociedade do espetáculo de Guy Debord (1997), que se configura como uma crítica à sociedade de consumo e à mercantilização dos produtos midiáticos, inclusive dos acontecimentos, à serviço, por este viés, da alienação social. Outro, de acordo com França e Lopes (2017), percorre uma perspectiva mais antropológica dos *media events*. Essas pesquisas observam a dupla face do acontecimento midiático: sua dimensão real e simbólica, visando compreender como se desenvolve a cobertura midiática destes acontecimentos, bem como qual qualidade nova eles ganham ao serem midiaticizados e tornados espetáculos com funções sociais a cumprir.

Por este último entendimento, Elihu Katz, em ensaio intitulado “Os acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião”, escrito em 1979, observa que os acontecimentos midiáticos alimentam o “sentido de ocasião⁵”, sobretudo coletiva, na sociedade contemporânea. Isso porque, segundo Katz ([1979] 1993), “os grandes dias de festa” da mídia- como ele chama os acontecimentos midiáticos- se configuram como

⁵O sentido de ocasião, segundo Katz ([1979] 1993), faz referência aos encontros sociais que as pessoas costumavam frequentar para interagir e viver experiências coletivas. Com o surgimento da radiodifusão, há críticas de que esse sentido de ocasião, sobretudo de ocasião comunitária, tem sido reduzido, ainda que as pessoas, ao assistirem televisão, por exemplo, saibam que outras também estão fazendo isto.

eventos a serem assistidos como um filme no cinema ou a um show. Segundo o autor, as pessoas se programam para vê-lo coletivamente em suas casas, trabalhos ou onde quer que estejam, porque ele tem algo de mágico, ritual, sagrado. Perdê-lo seria como está desinformado sobre o que está sendo discutido na esfera simbólica global.

Intentando esclarecer melhor estes acontecimentos, Katz ([1979]1993) busca categorizá-los em três grandes grupos: a. missão heroica, como a viagem de Nixon à China, b. ocasião de estado, como o funeral de Kennedy, e c. competição, como os jogos olímpicos. Vale ressaltar que, segundo Katz ([1979] 1993), as ocasiões de estado só se tornam acontecimento midiáticos se se destacarem como um marco de começo ou de fim de uma era, causando incertezas ou sentimento de reconciliações. Ainda segundo este autor, apesar do jornalismo ocidental ser pautado em grande medida pelo conflito; durante a cobertura dos acontecimentos midiáticos, é a resolução dos problemas que ganha destaque.

Assim, os acontecimentos mediáticos parecem diferir dos acontecimentos noticiosos no facto de estarem mais preocupados em reunir os rivais, isto é, com um processo de reconciliação. Além disso, se se analisa a retórica dos acontecimentos mediáticos encontrar-se-á, acredito uma *reverência* que é totalmente atípica do jornalismo quotidiano (...) (KATZ, [1979] 1993, p. 55).

Esta característica ritual ou dramática que o acontecimento midiático assume é também destacada, quando Katz ([1979] 1993) cita que este é previamente planejado por alguém que pretende controlar o que dele será transmitido, bem como carregá-lo de simbolismo e emoção. Disso resulta que o acontecimento midiático não irrompe inesperadamente, nem é espontâneo. E o seu caráter dramático, para Katz ([1979] 1993), nasce do fato dele ser publicizado e esperado. A circunscrição definida no tempo e no espaço, bem como a escolha de uma personalidade central, qualificam também estes acontecimentos, em que tudo é pensado para manter a atenção do público e gerar uma imagem pública positiva da instituição que o promove.

Contudo, ainda que seja programado, este tipo de acontecimento não é de todo controlado. Primeiro, porque situações inesperadas podem ocorrer e gerar outros acontecimentos a serem reportados socialmente a partir do primeiro. Segundo, porque, mesmo que esperados, os acontecimentos revelam sempre uma ruptura com a normalidade e é nesta ruptura que outros caminhos possíveis se abrem ao pensamento humano acerca do passado e do futuro da sociedade. Por meio desta perspectiva pragmatista, Louis Quéré (2012) observa que os acontecimentos possuem uma dimensão

material, concreta, a qual é reveladora de uma série de questionamentos que antes dos seus surgimentos não haviam sido feitos. Assim, por mais que se tente controlar o que do acontecimento se tornará visível e debatido socialmente, essas questões podem escapar do *script* planejado previamente pelos organizadores do evento. Katz ([1979] 1993) também ciente desta dimensão real do acontecimento, salienta que é isto também que torna os acontecimentos midiáticos tão atraentes para o público. Para ele, “mesmo que saibamos exatamente o que é suposto acontecer, há a questão de se saber se as coisas funcionarão como o planejado. Assim, o risco de o programa abortar é um segundo elemento do drama” (KATZ, [1979] 1993, p. 56).

3 A segunda vida do acontecimento

Além desta primeira vida existencial, a qual possui um poder hermenêutico e nos revela passados e futuros novos, quando do despontar de sua ocorrência, o acontecimento possui uma segunda vida, de acordo com Quéré (2012). Esta faz menção ao acontecimento narrado, objeto da linguagem, inserido no mundo simbólico, por meio das atribuições de sentido feitas a ele pela sociedade. Neste contexto, o jornalismo é uma das atividades comunicativas que participam deste universo simbólico mais amplo, disputando narrativas e modos de tornar o acontecimento inteligível. Por meio dos quadros de sentido de Goffman (2012), os sujeitos, incluindo os jornalistas, vão selecionando as matrizes de significados compartilhadas pela sociedade em determinado momento histórico e encaixando-as para explicar os acontecimentos que afetam o fluxo normal da sociedade. É, então, a partir destas disputas de enquadramentos, enquanto tentativas de definição dos acontecimentos, que a sociedade se organiza para agir e viver a experiência causada por esses em sua primeira vida (SILVA e FRANÇA, 2017).

Nos acontecimentos midiáticos, no entanto, a sua segunda vida se desenvolve simultaneamente à ocorrência da primeira. Mas isto não quer dizer que a midiatização ao vivo se configure como um retrato do mundo material ou, em outras palavras, que a cobertura em tempo real se configure como um espelho da realidade. Há ali também angulações, enquadramentos, matrizes de significados previamente pensados e escolhidos pelos jornalistas para retratar o acontecimento. Neste sentido, Katz ([1979] 1993) afirma que um dos problemas mais difíceis a se enfrentar na cobertura de um acontecimento midiático é contar uma história ao vivo sem saber ao certo como ela vai se desenvolver. “Parte da ansiedade relativa a este problema reflete-se na busca de critérios para definir o que é êxito ou fracasso (...) Mas mais interessante é o fato de que não se pode contar

uma “estória” sem uma “hipótese” ou um “modelo” para guiar a “estória” na sua narração” (p. 58). Além disto, como já mencionado, o próprio acontecimento midiático não se dá espontaneamente, como um desastre natural ou um acidente de avião, por exemplo. Antes de ser midiaticizado, ele é programado, de forma a tornar visível certas questões em detrimento de outras. Estas escolhas simbólicas, então, no acontecimento midiático, se misturam à sua primeira vida, de forma que é difícil separar o acontecimento tornado objeto da linguagem e do pensamento humano da sua dimensão material. A primeira e a segunda vida dos acontecimentos tornam-se assim imbricadas neste processo de midiaticização específica. Disto resulta que é pertinente ressaltar como os valores sociais são ainda mais significativos para entender o motivo da relevância dos acontecimentos midiáticos para o jornalismo. Para esclarecer melhor este argumento, o tópico seguinte trata de questões relacionadas às justificativas jornalísticas sobre a sua prática.

4 Interesse público e do público

Para justificar muitas das suas escolhas, envolvendo quais acontecimentos merecerão estar na agenda midiática e quais enquadramentos receberão, o jornalismo se ancora no conceito de interesse público. Este, segundo Wilson Gomes (2009), serviu como conceito legitimador do jornalismo, quando da sua segunda fase de existência, nascido dos ideais democráticos burgueses do século XVIII. A imprensa nesta época se configurava como essencialmente político-partidária e incitava o debate acerca das decisões do mundo, de forma a atender as demandas políticas da esfera pública, entendida neste contexto como esfera civil (GOMES, 2009). Desta forma a questão do interesse público estava intimamente relacionada com a legitimação dos ideais burgueses e do exercício cidadão do povo.

Mas o jornalismo contemporâneo, o jornalismo informativo empresarial, não é feito só de política. Ele contém amenidades, esporte, moda, vários assuntos dos quais o princípio o conceito de interesse público como foi formulado a priori não daria conta de justificá-lo. Além disto, na contemporaneidade, a questão do interesse público, embora conserve a mesma terminologia, não possui o mesmo sentido, já que o público não está mais ligado à esfera civil, mas à esfera de sua audiência, o que configuraria o conceito “interesse *do* público” (GOMES, 2009). Assim, o jornalismo contemporâneo ocidental pertencente a sociedades democráticas trabalha ora ancorado no que seria considerado interesse público (aqueles assuntos que são necessários para o bem comum da democracia, haja vista que é nesta que se insere), ora no interesse dos públicos (aqueles

assuntos que repercutem e trazem maior audiência, haja vista que é um empresa capitalista que visa lucros).

Dewey (2010) também traz uma reflexão interessante sobre o que seria considerado acontecimento de interesse público. Para ele, toda ação traz consequências; desta forma, os acontecimentos que trouxessem consequências para além daqueles que executaram a ação deveriam ser considerados acontecimentos públicos. A ideia de acontecimento público está ligada, portanto, ao seu alto poder de afetação. Mas, como nos lembra Lima e Simões (2017), o poder de afetação por muitas vezes não é algo intrínseco ao acontecimento. Ele se desenvolve na sua relação direta com o universo simbólico, os valores circulantes em uma determinada sociedade (SILVA e FRANÇA, 2017). Isto envolve a construção coletiva das expectativas e dos enquadramentos que atribuímos aos acontecimentos, bem como às pessoas envolvidas neles. Para entender, portanto, as escolhas jornalísticas acerca de quais acontecimentos merecem ser noticiados ou midiáticos, bem como quais enquadramentos cada um receberá- práticas que fazem menção ao que chamamos de valores-notícia e critérios de noticiabilidade- se faz pertinente sair um pouco do ecossistema jornalístico fechado em si mesmo, mirando-o em sua relação com a sociedade (SILVA e FRANÇA, 2017). A seguir, partimos para a análise do casamento real entre o príncipe inglês Harry e a atriz norte-americana Meghan Markle, entendido como acontecimento midiático, bem como da cobertura jornalística e dos comentários do público referentes a ele.

5 Primeira e segunda vidas do casamento real

A família real britânica, diferente do que ocorre com outras monarquias, possui um forte prestígio não só na Inglaterra, mas em todo o mundo. Parte disto ocorre pela estratégica utilização dos avanços tecnológicos da área da comunicação por parte desta realeza, aproximando as multidões da sua intimidade⁶. Este esforço, combinado à busca por romper algumas tradições ao longo de décadas, fomenta uma imagem pública positiva da Instituição junto à opinião social global. Assim, a cada casamento real midiático que a juventude desta família tão exótica das demais famílias do mundo realiza, uma espécie de rejuvenescimento da monarquia inglesa e dos seus valores acontece.

No que toca a aliança realizada entre Meghan Markle e o príncipe Harry, nos termos de Katz ([1979] 1993), este acontecimento pode ser classificado como midiático

⁶ Desde o casamento da rainha Elisabeth II com o príncipe Philip, em 1947, a maioria dos casamentos reais tem sido midiático, seja por rádio, como no da rainha, ou pela televisão, como os seguintes.

por ter sido transmitido em tempo real para várias partes do mundo e programado de forma detalhada pela realeza britânica. Além disto causou uma significativa repercussão social internacional e no Brasil por, dentre outros motivos, ter fomentado o sentido de ocasião coletiva. Por meio dele, o mundo em significativa medida parou e compartilhou uma experiência comum, seja por meio da mídia e/ou presencialmente, na região de Berkshire, na Inglaterra, à espera do cortejo feito em carruagem pelos noivos.

Outro fator que o caracteriza como acontecimento midiático é o monopólio de sua transmissão. Somente à British Broadcasting Corporation (BBC), única emissora de radiodifusão pública britânica, foi permitido filmar e transmitir o casamento real para o mundo. Assim, a realeza garantia que a cobertura ao vivo do evento seguisse o *script* pré-determinado, sem surpresas, do que havia sido acordado com a BBC, para a geração de uma imagem pública favorável àquela Instituição. Às empresas de comunicação privadas locais e de outros países, como o Brasil, foi permitida realizar a cobertura de fora do casamento, acompanhando os carros que transportaram membros da realeza, as festividades que a população fazia em torno do local, etc. E, ainda que marginal, esta cobertura local, de cada país, trazia uma certa insegurança de como este acontecimento tão planejado seria repercutido.

Esta também é uma característica do acontecimento, inclusive do midiático, haja vista que, por mais que seja programado, ele pode gerar outros acontecimentos, a partir do que ocorre na sua dimensão material e na atribuição de sentidos que dele se faz. Além disto, a mescla entre o que é esperado e inesperado estimula o elemento drama, típico deste tipo de acontecimento (KATZ, [1979] 1993). No casamento real, a dramatização foi acionada pela grande expectativa que a mídia como um todo e o jornalismo especificamente criou em torno deste acontecimento. Aos poucos, no período pré-casamento, a assessoria de comunicação da família real britânica ia liberando detalhes do que se poderia esperar do acontecimento. Isto foi noticiado dia a dia nos noticiários internacionais e brasileiros. Outras questões não eram reveladas pela realeza britânica e o jornalismo brasileiro lançava as perguntas sem as respostas, como uma forma de incitar a curiosidade do público a acompanhar a transmissão do casamento.

Parte desta ansiedade social também foi gerada em virtude do acontecimento se configurar, de acordo com as categorias⁷ pensadas por Katz ([1979] 1993), como ocasião

⁷ As categorias são: missão heroica, ocasião de estado e competição.

de estado. É que ele encerra e inaugura um marco na história real britânica, ao ter como personagem central Meghan Markle. Esta contradiz vários valores reais tradicionais simplesmente por ser quem é: uma mulher afrodescendente, mais velha do que o noivo, divorciada, feminista, que trabalha para se manter (assim como a maior parte das pessoas). Isto é, Meghan rompe a expectativa social internacional, de maneira geral, e a brasileira, especificamente, sobre como deve ser uma mulher pertencente à realeza inglesa, por não ser nem “recatada”, nem “do lar”, além de possuir uma beleza estética diferente do padrão europeu.

Também em Harry se verifica uma expectativa social. É esperado dele iniciativas que aproximem mais a realeza das causas humanitárias, assim como fez a sua falecida mãe, a duquesa Diana⁸. Inclusive, desde 2015, quando abandonou o exército, ele tem se dedicado ao trabalho como militares doentes e incapacitados. Unido a Meghan, parece que estes valores inclusivos e que fazem menção ao respeito à diversidade garantem a popularidade deste casamento e o interesse em acompanhá-lo, bem como àquele rejuvenescimento que a monarquia inglesa se empenha em conquistar.

É, então, nesta hibridização de valores e expectativas tradicionais, que circundam a realeza britânica, com os modernos, personificados em Meghan e também em Harry, que os noticiários se apoiam para chamar a atenção do público. E é este caráter novo que irrompe no percurso normal da história, com personalidades tão importantes socialmente envolvidas, que garante em certa medida a relevância jornalística dada ao acontecimento. Interessante enfatizar, como defendem Silva e França (2017), que esta dimensão de novidade e notoriedade, comumente referente aos valores-notícia do jornalismo, são construídos socialmente. É o simbolismo, o significado, do que este acontecimento e as personalidades envolvidas nele representam que tornam o evento tão significativo para o mundo e para o contexto brasileiro, especificamente. Além disto, permanece no imaginário coletivo o sonho vendido pela Walt Disney nos desenhos infantis, em que a plebeia vira princesa e conquista a felicidade, ao casar-se com um príncipe. É como se Meghan Markle personificasse na realidade a ficção, num filme que todos querem assistir, comentar, repercutir. A seguir, veremos pela análise de enquadramento e comentários,

⁸ Lady Di ou princesa do povo, como ficou conhecida, foi o primeiro membro da família real britânica a tornar-se de fato uma celebridade. Ela não só trouxe mais popularidade à realeza britânica, pelo olhar mais humano e sensível aos menos favorecidos, como deixou de herança aos seus filhos a expectativa social de que eles honrariam este legado.

como este “conto de fadas” é narrado pelo jornalismo brasileiro e quais discussões sociais se fazem a partir dele.

5.1 *Enquadramento jornalístico*

Para a análise do enquadramento, selecionamos as duas matérias produzidas, no dia do casamento real, que receberam mais comentários do público, pelo portal de notícias G1⁹. A notícia campeã de comentários, totalizado 455 *posts* feitos por leitores, referente ao casamento real do G1 foi intitulada “Príncipe Harry e Meghan Markle se casam em cerimônia que uniu tradição e modernidade”. Pelo título, já pode ser notado a escolha de enquadramento que o casamento real recebeu na narrativa. O decorrer da notícia e as legendas das fotos vão endossando a matriz de significado de que o casamento marcaria uma espécie de reconciliação histórica, ao unir a diversidade social, racial e política que Meghan Markle representa à tradição monárquica inglesa. Inclusive, os sermões proferidos pelo líder espiritual branco da Igreja Anglicana-escolha da família real- e pelo bispo presidente negro da Igreja Episcopal dos Estados Unidos- escolha de Meghan Markle- na ocasião serviram para confirmar esta união dos mundos moderno e tradicional na matéria

Lotada de celebridades, a emocionante cerimônia misturou elementos tradicionais e modernos. O arcebispo de Canterbury, Justin Welby, líder espiritual da Igreja Anglicana, tomou os votos matrimoniais dos noivos, que passaram grande parte da cerimônia de mãos dadas. Michael Curry, o bispo presidente da Igreja Episcopal dos EUA, fez um sermão sobre o amor e citou ativista negro Martin Luther King (G1, 2018)

Esta notícia, que foi veiculada pela primeira vez às 7h49 (horário de Brasília) do dia 19 de maior, foi atualizada ao longo de todo o dia. Ela se configurou, assim, por ser mais completa, uma vez que compilava várias facetas¹⁰ sobre o acontecimento numa só matéria. Mas o destaque maior da narrativa é dado para os votos do casamento e pela ausência do pai da Meghan na igreja. Em ambos, a hibridização entre os valores modernos e tradicionais, citada no título, é utilizada como temática de fundo.

No que toca a ausência do pai da noiva, Thomas Markle, que deveria levar Meghan ao altar, a notícia traz a informação oficial de que este não compareceu por motivos de saúde, já que

⁹ Todas as matérias do G1 referentes ao casamento de príncipe Harry e Meghan Markle foram veiculadas na seção Mundo do portal de notícias.

¹⁰ Nesta matéria foram reportados vários tópicos, como o desfile de carruagem após o casamento, os detalhes sobre a capela São Jorge, no castelo de Windson, os convidados, incluindo a presença das ex-namoradas do príncipe Harry, a tiara e o vestido utilizados pela noiva.

havia realizado uma cirurgia no coração recentemente. Contudo, também endossa que esse comunicado oficial foi feito após ter sido descoberto que Thomas Markle havia aceitado ser fotografado por um paparazzo em troca de dinheiro. Assim, a narrativa põe em dúvida a verdade do comunicado oficial, lançando também implicitamente a hipótese de que o pai da noiva não foi convidado ao casamento real porque não saberia se portar num evento desta estirpe. Esta informação de que Thomas Markle não iria ao casamento e que quem a conduziria ao altar seria então seu sogro, príncipe Charles, foi inclusive endossada no subtítulo da matéria. Por este enquadramento, os valores reais parecem ter predominado sobre os de Meghan, como uma espécie de concessão feita por esta, visando uma reconciliação ensejada pelo casamento. Já no tópico sobre os votos, é relatado que Meghan decidiu não pronunciar a palavra obedecer e que isto reflete um valor moderno se sobrepondo ao tradicional.

Seguindo a tradição iniciada com a princesa Diana, em 1981, Meghan decidiu não pronunciar a palavra "obedecer" dos tradicionais votos de casamento. Em inglês, os votos tradicionais para a mulher costumam citar "love, cherish and obey" (amar, cuidar e obedecer, em português). Meghan disse apenas "love and cherish" (amar e cuidar). Isso já é comum em casamentos no Reino Unido, mas, em relação à família real, a escolha pode ser considerada moderna (G1, 2018).

Este acontecimento desdobrado a partir do acontecimento midiático tornou-se tão relevante que, na segunda matéria mais comentada do G1, com 411 *posts* feitos por leitores, também se destacou o fato de Meghan não utilizar a palavra obedecer. Nesta narrativa, intitulada “Como princesa Diana, Meghan Markle omite ‘obediência’ de votos de casamento”, a ação de Meghan é justificada por ela ser feminista, ainda que seja salientado que desde a duquesa Diana aquela palavra não tenha sido proferida pelas noivas em casamentos reais. O papel social de Meghan, enquanto defensora da igualdade de gêneros e representante da Organização das Nações Unidas (ONU), no que toca a defesa dos direitos das mulheres, foi também enfatizado na matéria, como uma resposta à expectativa social sobre como ela se portaria no casamento e quais concessões faria aos valores reais em detrimento dos seus próprios valores. Nesta ocasião, prevaleceu os valores sociais modernos, ou a coerência com “sua biografia” (a biografia de Meghan), de acordo com o sentido atribuído pela matéria.

Interessante ressaltar que os valores modernos representados por Meghan não se destacam, neste sentido, por ela ser plebeia ou não inglesa, nem mesmo por ser divorciada, já que outros casamentos reais com personalidades caracterizadas assim já ocorreram. Os valores e papéis sociais representados por ela estão na sua cor e na sua luta política, enquanto mulher afrodescendente e ativista, defensora da igualdade de direitos. Novidades na realeza britânica, não

por coincidência, são nestas questões políticas, debatidas tão intensamente na sociedade contemporânea global e local, que tanto o jornalismo se ancora para enquadrar o acontecimento, como o público para realizar seus comentários. Isto mostra como o jornalismo não só pauta a sociedade, mas também é pautado por esta, de acordo com o momento histórico e político vivido. Na análise dos comentários a seguir, podemos visualizar alguns aspectos de como a sociedade brasileira tem debatido estas questões, a partir de suas especificidades culturais e históricas.

5.2 Comentários dos leitores:

Na primeira matéria, o último comentário realizado por leitor do G1 lança um mote “Por mais feministas como Meghan”, depreciando as feministas brasileiras por elas se manifestarem, no entendimento do autor do comentário, de forma vulgar e não elegante como Meghan. Ou seja, quem fez o comentário se configura em certa medida como um simpatizante do feminismo, desde que este seja manifestado na forma como a sociedade patriarcal considera aceitável. Outro comentário segue esta linha política mais conservadora, ao afirmar que o príncipe Harry tem sorte por não ser brasileiro e por não existir monarquia no país; caso contrário os movimentos sociais negro e gay se manifestariam no evento. Pelo viés racial, três comentários se destacam. Um por enfatizar que ela é “mulata” e que, apesar de “não ser feia, também não é linda”, considerando que, por conta disto, foi realmente um grande feito ela ter sido aceita pela realeza britânica. E complementa: “fosse o irmão mais velho, o herdeiro, penso que esse casamento não aconteceria, aliás, aconteceria desde que renunciasse ao trono” (*sic*). Em outro comentário, o leitor afirma que, “apesar de ser branco”, deseja que os filhos do Harry e Meghan tenham traços negros para miscigenar racialmente a família real britânica. O último lastima que a aristocracia inglesa tenha se constituído às custas da exploração de negros e índios.

Ironia do destino, após espremerem os negros até sair todo seu sangue nas colônias inglesas um príncipe se casa com uma descendente negra e pensar que no meio de tanta riqueza existe sangue dos negros e índios brasileiros através do ouro pago por Portugal a Inglaterra (...) [*sic*]

Na segunda notícia, que, diferentemente da primeira, é monotemática ao tratar apenas da questão dos votos de casamento, a questão racial também aparece significativamente nos comentários dos leitores, mesmo que não tenha sido mencionada na narrativa jornalística. Alguns dos comentários questionam ou negam a afrodescendência de Meghan, ao afirmarem que ela possui “traços brancos”. Outros, a inferiorizam, fazendo referências preconceituosas às suas características estéticas, bem

como a parabenizam por, “mesmo assim”, ter conseguido dar um “golpe no trouxa”- referindo-se ao príncipe Harry- com o casamento. Como era de se esperar, pelo assunto tratado na matéria, comentários sobre o fato dela ser feminista também foram feitos. A maioria deles tem cunho depreciativo em relação à luta feminista, afirmando que as mulheres só “querem ter direitos e nenhum dever”, ou que os homens que defendem o feminismo ou são gays ou se “rastejam pelo mínimo de aceitação feminina”. Para além de comentários sobre o feminismo e a beleza de Meghan, uma leitora ainda pergunta qual a relevância do casamento real para a vida das pessoas e lamenta o fato da guerra na Síria não ter relevância na cobertura jornalística.

De forma menos harmoniosa do que nas notícias; nos comentários, as contradições políticas de perspectivas mais conservadoras e progressistas são expostas, tensionadas e problematizadas, exibindo os preconceitos, visões e valores sociais que o povo brasileiro tem do mundo. Por vezes de forma sutil, em outras, de forma explícita, grande parte comentários mostra que assumir-se negro é ainda uma questão no país, ainda que, de acordo com Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), em 2016, pessoas que se definem como pardas (46,7%) e pretas (8,2%) representem a maior parte da população brasileira, ultrapassando o número das que se declaram brancas (44,2%). Nos *posts* em que Meghan é inferiorizada por sua cor e considerada uma vitoriosa por conseguir fazer parte da família real, “mesmo com” suas características estéticas, ou no que recebe um *elogio* de cunho preconceituoso em relação a sua beleza por, segundo o leitor, possuir “traços brancos”, podemos visualizar como é forte no imaginário da nossa sociedade a valorização do padrão de beleza europeu. Além disto, parece que Meghan é considerada “aceitável” socialmente, como se pode interpretar no último *post* citado, porque sua afrodescendência se mostra de forma amena em suas características fenotípicas. Ou seja, ela não rompe radicalmente com o padrão estético global, tendo em vista que é magra, conserva os cabelos alisados e possui uma pele em certa medida mais clara no espectro dos tons negros. Há ainda, como mencionado acima, comentários que enxergam de forma positiva a inclusão de maior diversidade à realeza e outros que relembram como os regimes monárquicos enriqueceram, ao explorarem as populações negras e indígenas. Assim, os comentários mostram duas questões que se complementam na sociedade brasileira: a. a negação/depreciação em grande parte de si, enquanto povo, assumindo o olhar de quem historicamente agrediu e explorou populações negras e outras minorias e b. a necessidade social de representatividade de belezas e

culturas diversas das hegemônicas nos espaços de poder. No que toca a questão feminista, Meghan é primordialmente depreciada nos comentários por sua visão política e luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. A maioria dos comentários tem cunho vulgar e a insulta sem fazer alguma argumentação. Em um dos comentários, as intenções dela com o casamento também são questionadas, desconsiderando-se que Meghan é uma atriz bem-sucedida profissionalmente e que não haveria motivo para ela se casar por interesse financeiro. Comentários como estes revelam uma visão conservadora e até depreciativa sobre as mulheres e seus papéis sociais. É como se o valor destas, seus direitos e anseios, enquanto seres humanos, fossem comumente inferiorizados, sobretudo quando elas se destacam no âmbito político e em suas profissões. Interessante ressaltar que ambos os tipos preponderantes de comentários, sejam racistas ou machistas, não revelam o pensamento social brasileiro como um todo, mas de uma parcela deste, haja vista que tomamos como amostra apenas os dez últimos comentários de cada notícia feitos pelos leitores¹¹ do G1. De toda forma, é possível refletir, a partir deles, como os preconceitos e visões de mundo no Brasil se mesclam configurando a nossa cultura e nosso nível de consciência coletiva na contemporaneidade.

6 Considerações finais:

Na busca por compreender o porquê do casamento real de Meghan Markle com o príncipe Harry ter recebido uma cobertura tão significativa do jornalismo brasileiro, encontramos na análise de enquadramentos e de comentários dos leitores algumas respostas. O enquadramento ofertado pelo G1- o qual seguiu o viés jornalístico internacional- nos revelou que a singularidade deste acontecimento estava no fato de Meghan Markle personificar os valores modernos de luta pela diversidade negra e de gênero. É que por meio de Meghan, segundo a matriz de sentido escolhida pelo jornal, pela primeira vez, a afrodescendência e ideais tão modernos sobre o papel da mulher na sociedade se mesclariam aos valores tradicionais britânicos. Na análise dos comentários, é possível perceber que os leitores do G1 também são pautados por essa matriz de sentido. Observando os *posts*, visualizamos que o feminismo e a afrodescendência são questões sociais que levantam muitas discussões polarizadas no Brasil. Cinco dos vinte comentários enfatizam que Meghan, por ser negra e também feminista, realizou um

¹¹ Ainda há que se considerar a existência dos *bots*, exército de robôs que fazem propaganda política, disseminando de forma viral determinados conteúdos que por vezes, se configuram em discursos de ódio. Infelizmente, não temos como distinguir os comentários feitos por robôs dos realizados pelos cidadãos brasileiros.

grande feito ao se casar com um príncipe britânico. Há ainda os que a “elogiam” por sua luta política e/ou beleza, desde que o feminismo e a afrodescendência sejam representados no padrão aceitável que Meghan personifica. Os comentários mostram assim como há ainda no imaginário social resquícios de uma aculturação colonizadora e patriarcal dominante¹². Em resposta, comentários de vieses mais progressistas também são veiculados. Assim, posições modernas e conservadoras negociam e disputam numa mesma cultura a validação de formas de ser e estar no mundo. É a partir da negociação destas visões de mundo compartilhadas coletivamente na cultura brasileira e em interação com a cultura global, que tanto o jornalismo do país, quanto os seus leitores, compreendem e ressignificam o casamento real, bem como ofertam a ele sentido singular e relevância. Como este trabalho se concentra na atuação jornalística ocorrida no dia 19 de maio de 2018, encontramos também no conceito de acontecimento midiático de Katz ([1979] 1993) razões para a cobertura brasileira ter sido tão intensiva não só nos sistemas de radiodifusão, mas também na internet, como no portal de notícias G1. Planejado previamente pela realeza britânica e feito para ser transmitido ao vivo, além de conter personalidades notórias internacionais e um forte elemento de dramatização, o casamento geraria assim o interesse do público a que Gomes (2009) se refere. Isso porque, ele gera o sentido de ocasião¹³, de vivência de uma experiência memorável a ser compartilhada por todos, através das telas. Além disto, a união entre o príncipe Harry e Meghan, especificamente, ainda que não se configure como de grande relevância política para o mundo, em sua primeira vida, revela discussões sociais importantes politicamente que são contempladas em sua segunda vida, como as questões raciais e feministas levantadas. Disto concluímos, a partir de uma perspectiva interacional do jornalismo com a sociedade, que, para além da curiosidade social sobre a monarquia inglesa, incitada pelos acontecimentos que esta busca mediatizar; os valores e expectativas sociais personificados, neste caso, em Meghan Markle e no príncipe Harry, justificam em significativa medida o interesse público e do público do casamento real analisado, bem como a atuação jornalística, que nestes interesses se ancora.

¹² É necessário acrescentar que, em nenhum comentário, foi afirmado como Harry poderia ser considerado um feliz por casar-se com uma mulher tão politicamente consciente e bela esteticamente.

¹³ Sentido este que é ocasionado na maioria dos casamentos reais ingleses desde meados do século XX, justamente por estes serem mediatizados e buscarem popularidade.

7 Referências

G1. Príncipe Harry e Meghan Markle se casam em cerimônia que uniu tradição e modernidade, 19 de maio de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/principe-harry-e-meghan-markle-se-casam-em-windsor.ghtml>. Acessado em 21 de maio, às 10h.

G1. Como princesa Diana, Meghan Markle omite ‘obediência’ de votos de casamento, 19 de maio de 2018. Disponível em: < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/como-princesa-diana-meghan-markle-omite-obediencia-de-votos-de-casamento.ghtml>>. Acessado em 21 de maio, às 11h

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRANÇA, V.; LOPES, S.. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. In: *Matrizes*, São Paulo, V. 11- Nº 3 set./dez., 2017, p 71-87. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/138820/0>>. Acessado em 10 de maio de 2018, às 7h.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Editora Vozes. 2012.

GOMES, W. **Jornalismo, fatos e interesses**. Ensaios de teoria do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2009.

KATZ, E. Os acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião, 1979. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993.

LIMA, L.; SIMÕES, P. G. A construção da imagem pública de Dilma Rousseff durante o impeachment: uma análise preliminar. In: 41º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu/MG, 2017, p. 1-29. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt17-21/10759-a-construcao-da-imagem-publica-de-dilma-rousseff-durante-o-impeachment-uma-analise-preliminar/file>> Acessado em 2 de junho de 2018, às 10h;

QUÉRÉ, L. A dupla vida do acontecimento. Por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, Vera R.V., OLIVEIRA, Luciana (orgs). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SILVA, T.; FRANÇA, V. Jornalismo, noticiabilidade e valores sociais. In: *E-Compós*, Brasília, V. 20, Nº 3, set./dez., 2017, p. 1-21. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1398/948>>. Acessado em 10 de maio de 2018, às 8h.